

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

ÉTICA CRISTÃ EM UMA CULTURA PÓS-DIGITAL Christian ethics in a post-digital culture

Antonio Valdemar Kukul Filho¹

RESUMO

O presente artigo se propôs a discutir sobre ética cristã nas conjunturas aqui verificadas e assumidas como da cultura pós-digital. O termo faz alusão as questões relacionadas ao estilo de vida contemporâneo, influenciado por elementos culturais imersos em alta tecnologia digital. A partir de uma exposição panorâmica, porém objetiva, verificou-se os elementos e características desta cultura pós-digital, os desafios reais e virtuais à ética cristã, e ainda o papel da igreja e sua ética nesta cultura pós-digital. O quadro delineado constatou a complexidade do tema e verificou que a postura a ser assumida por aqueles que defendem os princípios éticos cristãos, deve ser pautada com sabedoria, inteligência relacional e comprometimento inegociável com relação à essência da mensagem cristã, mas flexível quanto a forma e o como estabelecer sua práxis. Para a construção foram utilizados teóricos interdisciplinares dos campos da Teologia, Filosofia, Antropologia e Marketing. Destaques para Mario Sergio Cortela, Dietrich Bonhoefer, Norman Geisler, Zygmunt Bauman e Walter Longo.

Palavras chave: Ética Cristã. Cultura. Mídia. Analógico. Digital. Igreja.

ABSTRACT

The present article has proposed to discuss on Christian ethics in the conjunctures here verified and assumed as of the post-digital culture. The term alludes to issues related to the contemporary lifestyle, influenced by cultural elements immersed in high digital

¹ Bacharel e Mestre em Teologia pela FABAPAR. cursando Licenciatura em História pela Estácio de Sá. Professor nos cursos de Bacharelado em Teologia nas modalidades presenciais e à distância, assim como nos cursos de Pós-graduação lato-sensu nas Faculdades Batista do Paraná – FABAPAR. Pastor da Igreja Batista no Bairro Novo Mundo, Curitiba/PR. Contato: professor.kukul@fabapar.com.br

technology. From a panoramic but objective exposition, the elements and characteristics of this post-digital culture, the real and virtual challenges to Christian ethics, and the role of the church and its ethics in this post-digital culture were verified. The framework outlined the complexity of the topic and verified that the position to be assumed by those who defend Christian ethical principles should be based on wisdom, relational intelligence and non-negotiable commitment to the essence of the Christian message, but flexible as to the form and how to establish his praxis. For the construction were used interdisciplinary theorists of the fields of Theology, Philosophy, Anthropology and Marketing. Highlights for Mario Sergio Cortela, Dietrich Bonhoefer, Normam Geisler, Zygmunt Bauman and Walter Longo.

Keywords: Ethics Christian. Culture. Media. Analogue. Digital. Church.

INTRODUÇÃO

A ética enquanto objeto de estudo, reflexão e debate, remonta séculos, contudo, as conjunturas atuais atreladas ao desenvolvimento tecnológico nas diversas áreas do conhecimento, faz emergir quanto à ética, a necessidade urgente de novos estudos, reflexões e debates que estão vinculados e este novo e inédito cenário global.

A cultura pós-digital mais do que sugerir mudanças, estabelece novos paradigmas. Até o final do milênio passado era apropriado dizer que o mundo sofria os impactos de uma grande onda de mudanças. Mas adentrando neste novo milênio a melhor alegoria consiste em considerar que há uma gigantesca, implacável e indomável “tsunami” tecnológica.

Proporções gigantescas por causa do volume de propostas, recursos e possibilidades. A força da internet é tão implacável que já não se fala mais em conectar-se, pois a conexão é permanente. A pessoa utiliza o “WI-FI”² dentro de casa, enquanto desloca-se para o trabalho ou lazer, seu smartphone mantém-se ativo através do serviço oferecido pelas empresas de telefonia digital. Ao adentrar um shopping, restaurante ou faculdade logo uma placa sinaliza a senha para acesso da rede. A vida profissional e pessoal, cada vez mais imersa e dependente da grande rede, faz com que as pessoas não mais cogitem se precisam ou não dela. Pode-se dizer que a conexão com a internet está para o estilo de vida do ser humano na pós-modernidade como que o ar está vitalmente para os pulmões e a própria vida.

A grande onda de transformações tecnológicas, ganha proporções de um “tsunami épica”, porque invade a vida de todos de modo indomável e inevitável, solapando as bases de sociedades até então formatadas em culturas, cujos limites eram precisamente delineados, trazendo consigo uma nova era cultural. A era da cultura pós-digital. Poderosa, irreversível, autônoma, neutra e global. Uma cultura que exige ressignificações, exposições e confrontações diante das questões éticas. Walter Longo afirma que na era pós-digital, tudo se inverteu e simplesmente não há mais o que seja regra.³

Esta era pós-digital faz emergir novas reflexões quanto à ética cristã e seus posicionamentos, bem como suas respostas, pois há questões novas que precisam ser

² Termo técnico que se refere a rede de acesso à internet que dispensa o uso de cabos.

³ LONGO, 2014, p. 146.

respondidas. Preservar a ética, feri-la ou ignorá-la, através do simples clique de um “mouse”⁴ ou ainda de uma leve pressão em uma tela “touchscreen”⁵, são decisões que permeiam o campo da ética cada vez mais comuns, o que não significa menos complexas.

O desenvolvimento tecnológico abriu as portas de um mundo pós-digital que mistura o real com o virtual de um modo jamais visto, sequer imaginado, a não ser pelas mentes que os criaram. Mesmo para estes, projetar a reação do comportamento humano frente à possibilidade de disparar metralhadoras virtuais durante horas em um jogo de videogame, foi prevista? Quais efeitos na mente e suas reações?

Ser ético está ficando cada vez mais difícil? Quebrar regras ficou mais fácil? Violar protocolos e desrespeitar a lei é uma questão bem mais complexa que um simples movimento viabilizado pelas diversas mídias. Todas as facilidades, possibilidades, empoderamentos e isenções que o mundo digital oferece, pode dar a impressão de que tudo é possível com baixíssimos e/ou nulas possibilidades de consequências negativas.

O ser humano imerso nestas novas conjunturas tecnológicas, digitais e virtuais apresentará que tipos de comportamento ético? A Ética afetará o comportamento? Haverá meios de ser ético? Até que ponto haverá controle humano sobre as máquinas? A inteligência cibernética manterá ou adotará padrões morais? Qual ética será respeitada pela inteligência artificial?

O desenvolvimento deste texto visa tratar de modo introdutório estas questões e outras, tanto quanto desafiadoras. Além de relacionar e construir um levantamento da problemática em torno da cultura digital frente à ética cristã, é preciso apontar caminhos e discutir o papel da igreja neste cenário extremamente desafiador.

1. ELEMENTOS E CARACTERÍSTICAS DA CULTURA PÓS-DIGITAL

O primeiro computador digital eletrônico começou a ser desenvolvido em 1943.⁶ A partir deste extraordinário invento, mudanças radicais podem ser elencadas ao longo dos anos que geraram significativos resultados nos campos da ciência e tecnologia. Causando e impactando de modo ubíquo transformações na sociedade e na base das relações humanas. A partir deste marco tecnológico começa uma nova era. A era digital, a qual é marcada por constantes inovações tecnológicas, cujos ciclos inovacionais apresentam-se cada vez mais curtos.

Analógico, digital e pós-digital são expressões mais recentes e constituídas a partir de uma evolução que vem ocorrendo com extrema rapidez. Por exemplo, os celulares analógicos na última década do século passado, tornaram-se o ícone do desenvolvimento tecnológico, mesmo apresentando sérias deficiências de sinal. O segundo avanço foi a migração da

⁴ Termo que se refere ao equipamento acoplado ao computador que tem por finalidade ao movimentar-se acessar os recursos do dispositivo.

⁵ Tela sensível ao toque pelas mãos do usuário. Embrionariamente desenvolvida pelo britânico E. A. Johnson em 1965 e aperfeiçoada pelo estadunidense G. Samuel em 1970.

⁶ Este computador foi lançado em 1946 e pesava 30 toneladas, ocupando um espaço de 270m² de área construída. O denominado ENIAC (Electrical Numerical Integrator and Calculator), criado por John Presper Eckert e John W. Mauchly. Seu propósito inicial contemplou a efetivação de cálculos balísticos para atender as demandas geradas pelo contexto em meio a segunda guerra mundial.

transmissão analógica para a transmissão digital, caracterizada principalmente pelo significativo aumento na quantidade de dados, o que possibilitou maior tráfego e qualidade no envio de imagens e vídeos. Comparando com o passado recente, o volume de dados que trafega pelas vias de transmissão é exponencial.

A era pós-digital é resultado destas evoluções que, por sua vez, apresenta uma série de desdobramentos. A principal delas, bem como seus impactos quanto à ética cristã, implica em compreender e avaliar a constituição desta nova era, denominada de cultura pós-digital. O termo pós-digital foi cunhado pelo publicitário Russel Davies durante uma conferência na Inglaterra em 1999, mas o conceito ganhou força a partir de Nicholas Negroponte, ícone e reconhecida autoridade mundial na integração entre humanos e computadores. Responsável por prever ainda nos anos de 1980 à extinção dos fios e cabos para transmissão de dados.⁷

O pós-digital pode ser compreendido como uma era onde a presença da tecnologia digital permeia o dia-a-dia das pessoas de modo significativamente amplo e onipresente na maior parte do tempo, a tal ponto que sua existência passa a ser percebida somente quando a mesma se perde.⁸

Novas tecnologias configuram-se como novas ferramentas e recursos disponíveis a sociedade. Contudo, uma nova cultura passa a ser vivenciada não apenas porque existem outros métodos ou ferramentas, mas quando há mudanças de comportamento e sob este aspecto há muito a ser observado, pois, nesta cultura pós-digital, acentuadas mudanças nas atitudes comportamentais, tanto individuais, quanto corporativas estão presentes.

A cultura organizacional de uma empresa, de um clube, de um partido, de uma igreja e da sociedade como um todo é definida justamente pelos comportamentos determinados, sugeridos e assumidos. Os quais por sua vez são resultado dos padrões éticos prevalentes.

De acordo com Longo, a sociedade está em um ponto de inflexão para uma nova era de total revolução em tudo que se faz, mas atrelada ainda a paradigmas e certezas estabelecidas no passado. Citando Shel Silverstein, esta fase denomina-se “tesarac”, que é quando uma sociedade se torna caótica e desorganizada até que surja uma nova ordem que a recomponha.⁹

Compondo com esta realidade da cultura pós-digital e suas implicações éticas, importa considerar as conjunturas sociais afetadas pelas imposições da cultura pós-moderna. Pós-modernidade é um termo filosófico, cuja aceitação é amplamente debatida pelos especialistas, mas devido sua correlação com a cultura pós-digital, importa aqui ser considerada. Sobre esta temática, observa Grenz:

O pós-modernismo assume formas diversas. Ele aparece personificado em certas atitudes e expressões que tocam o dia-a-dia de inúmeras pessoas da sociedade contemporânea. Tais expressões vão da moda à televisão e compreendem aspectos penetrantes da cultura popular, como por exemplo a música e o cinema. O pós-modernismo está também encarnado numa variedade de expressões culturais que incluem a arquitetura, a arte e a

⁷ LONGO, 2014, p. 145.

⁸ LONGO, 2014, p. 15.

⁹ LONGO, 2014, p. 31.

literatura. Mas o pós-modernismo é, sobretudo, uma perspectiva intelectual.¹⁰

Acerca do termo e discussões filosóficas em torno da pós-modernidade, outras expressões foram utilizadas. Libânio chama de Modernidade Avançada; Giddens e Beck preferem Radicalização da Modernidade; Bauman, por sua vez classifica como Modernidade Líquida, dentre outras possibilidades.¹¹

Contudo, apesar das discussões em torno do termo e suas possíveis permeabilidades, é inadmissível negar que existe neste contexto pós-moderno, mudanças comportamentais radicais que encontram no mundo e na cultura pós-digital uma plataforma de alta ubiquidade, profusão e ampliação de seus ideais. Os quais também frequentemente entram em rota de colisão considerando as perspectivas da ética cristã.

Compreender as noções básicas e outras variáveis da cultura pós-digital em meio a estes desafios, implica na reflexão do próprio termo “cultura”. A definição básica aponta para o “ato, efeito ou modo de cultivar ou ainda o complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições, das manifestações artísticas, intelectuais, transmitidos coletivamente, e típicos de uma sociedade”.¹² Considerando aspectos antropológicos, Laraia apresenta:

Culturas são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante.¹³

Cultura pós-digital pode ser compreendida como o conjunto de sistemas tecnológicos digitais à disposição das pessoas na atualidade, atrelados ao uso que as mesmas fazem deles e geralmente destinam-se a fins comerciais, educacionais, profissionais, recreativos ou relacionais. Estas finalidades mencionadas perpassam o crivo ético do usuário, cujos valores até então apreendidos, podem ser fortalecidos, eliminados ou substituídos.

2. DESAFIOS REAIS E VIRTUAIS À ÉTICA CRISTÃ

Basicamente os recursos digitais são utilizados para suprir demandas já existentes ou recentemente criadas. Seja para envio de um e-mail comercial, fechamento de um contrato de serviços, do envio de um documento digitalizado para uma instituição bancária, da utilização do EAD (Ensino à distância) ou para travar uma disputa em um jogo de plataforma online, assistir um filme oferecido pelo catálogo digital ou ainda para trocar mensagens entre amigos através das redes sociais. Todas de algum modo estão atreladas as relações comerciais, sociais, profissionais, recreativas ou educacionais.

¹⁰ GRENZ, 2008, p. 62.

¹¹ BARROS, 2016, p. 257.

¹² FERREIRA, 2010, p. 213.

¹³ LARAIA, 1986, p. 59.

A tecnologia digital trouxe significativos ganhos. Agilidade na informação, acessibilidade intercultural, microcirurgias, exames de alta precisão e computação gráfica de altíssima resolução são alguns dentre vários exemplos extremamente benéficos, mas a que custos? Elementos positivos são perceptíveis, mas que caminham com outros extremamente nocivos e que literalmente se proliferam, assim como a rapidez de uma célula cancerígena agressiva e destruidora.

Em um campo de batalha virtual cria-se o ambiente para desenvolver estratégias, considerar, prever e resolver desafios. O usuário nesta plataforma pode ter sua sede de violência suprida, aplacada, ou será que foi previsto que em vez de suprimir o desejo de domínio pela força, o mesmo terá seus instintos violentos desafiados, instigados e até mesmo ampliados? Registros de pessoas, portanto e disparando armas de pesado calibre em escolas, shoppings e diversos lugares públicos vêm crescendo a cada ano em vários lugares do mundo. Existe alguma relação?

O aplicativo Whatsapp viabiliza conversas entre indivíduos e grupos de pessoas a custo zero e total proteção com uso de tecnologia criptografada, onde teoricamente apenas os usuários tem acesso. O que é excelente, mas este recurso tem sido utilizado por grupos terroristas para arremeter crianças e adolescentes em todo o mundo. As redes sociais promovem interação através de mensagens e do envio de imagens e vídeos dos mais diversificados, o que pode ser algo saudável, mas também extremamente nocivo se utilizado por adultos para atrair crianças a fim de envolvê-las violentamente.

Diversos crimes cibernéticos foram criados e outros potencializados. De modo concomitante à internet comum, é conhecida a existência de uma rede de internet oculta denominada “Deep Web”. Trata-se de uma rede obscura onde são feitas negociações que exigem certo anonimato. “Deep Web ou Darknet é uma expressão inglesa e significa literalmente “Internet Profunda”. Considerada uma “internet invisível”, isso porque todo o conteúdo disponível em seu interior não é de fácil acesso para a maioria dos internautas, e os produtores desses conteúdos optam por manter o seu anonimato. É formada por um conjunto de sites, fóruns e comunidades que costumam debater temas de caráter ilegal e imoral.”¹⁴

De que modo serão constituídas as estruturas das relações humanas nesta cultura pós-digital? As redes sociais virtuais crescem de modo exponencial e constroem novas relações, cada vez mais superficiais, instáveis e líquidas. Exemplo disto é retratado por Bauman referindo-se à exiguidade de laços nas relações de uma amizade via “facebook”.¹⁵ Esta rede social criada em 2004 atinge cerca de um bilhão de usuários em todo o mundo, todos os dias.¹⁶

As perspectivas para à ética cristã são desafiadoras, pois é justamente na forma como todos estes recursos digitais poderão ser utilizados que se faz necessário criar caminhos. Segundo Geisler, a ética considera o que é moralmente certo ou errado, enquanto que a ética

¹⁴ Disponível em: <https://www.significados.com.br/deep-web/>.

¹⁵ BAUMAN, Entrevista disponível em:

<http://www.institutocpfl.org.br/cultura/?s=null&cat=7&palestrante=1153> Acesso em 14 ago. 2016.

¹⁶ Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/04/facebook-atinge-marca-de1-bilhao-de-usuarios-todos-os-dias.html> Acesso em 14 ago. 2016.

cristã considera estas questões sob o prisma dos valores que regem a fé cristã.¹⁷ Todas as possibilidades que o mundo digital oferece estão acessíveis. O potencial para fazer o bem é diametralmente igual à possibilidade de se praticar o mal.

Cortella desenvolve um raciocínio interessante que se aplica à esta discussão. Para ele a ética pode ser compreendida tendo em mente três perguntas básicas: Quero? Devo? Posso? Ponderando sobre estas questões facilmente pode-se chegar à conclusão de que alguns dilemas poderão ser estabelecidos. Assim ele considera que “Há coisas que eu quero, mas não devo. Há coisas que eu devo, mas não posso. Há coisas que eu posso, mas não quero”.¹⁸ De modo que apropriar-se desta lógica como balizamento ao contexto da cultura pós-digital cria uma situação referencial que auxiliará qualquer pessoa que esteja disposta a manter seus padrões éticos cristãos.

Podem ser consideradas diversas tratativas acerca de dilemas éticos cristãos relacionados à cultura pós-digital. A começar pela decisão sobre os mais importantes. Afinal, existe uma variedade de assuntos que vão desde as questões alusivas à pirataria, plágios eletrônicos, ensino a distância, interceptação de e-mails, troca de “nuds” (fotos de pessoas nuas) até à prática de cyberbullying.¹⁹ Convém, sob o prisma da ética cristã, abordar temas que emergem à superfície do esclarecimento e efetiva prevenção.

A dependência digital já aprisiona cerca de 16 milhões de brasileiros. Segundo matéria da revista Isto É:

Estima-se que 10% da população enfrenta o problema. Segundo pesquisa da Navegg, empresa de análises de audiências online, o Brasil registrou o número recorde de 105 milhões de pessoas conectadas no primeiro trimestre deste ano. Dados da Serasa Experian mostram que o brasileiro passa mais tempo nas redes do que os internautas do Reino Unido e dos EUA. Impulsionada pela explosão dos smartphones. De acordo com a consultoria Internet Data Corporation, esses aparelhos correspondiam a 41% (5,5 milhões) dos celulares vendidos em março. Em abril, o índice foi 49% (5,8 milhões).²⁰

As facilitações de acessibilidade à internet, hoje disponível nas casas, restaurantes, shoppings, ruas, ônibus, é uma realidade. Existem diversas formas de manter-se conectado: computadores, tablets e smartphones levam a realidade virtual para todos os espaços físicos. O aparelho celular, antes exclusivo para conversas telefônicas, transformou-se em um poderoso computador de mão, indispensável em vários sentidos.

Os dados apontados acima, e facilmente abordados em vários outros meios de comunicação, destacam que esta dependência é crescente e tem afetado consideravelmente

¹⁷ GEISLER, 2010, p. 15.

¹⁸ CORTELLA, 2015, p. 107.

¹⁹ Cyberbullying é um termo composto que se utiliza para descrever ações de violência virtual, intencionais contra pessoas relativamente mais vulneráveis. Podem ser fotos, charges e textos ofensivos lançados na internet a fim de ridicularizar alguém.

²⁰ ISTO É. Revista digital disponível em: http://istoe.com.br/326665_VITIMAS+DA+DEPENDENCIA+DIGITAL/ Acesso em 03 de out. 2016 às 18h30.

as relações interpessoais. A convivência familiar pós-digital coloca o casal trocando mensagens em casa e às vezes na própria cama, um ao lado do outro.

Para Longo, o mundo pós-digital criou uma nova equação das distâncias. Enquanto se fala com pessoas do outro lado do planeta em tempo real, envia-se mensagens de texto para o colega na mesa ao lado.²¹

Este tipo de dependência digital pode ser uma fuga da realidade. É preferível confrontar alguém simplesmente enviando um texto, desprovido de emoção, longe do “olho no olho”, do “cara a cara”. Procedimento muito distante daquilo que Jesus Cristo ensinou: “Se teu irmão pecar contra ti, vai a sós com ele e repreende-o; se te ouvir, ganhaste teu irmão” (Mt 18.15). As pessoas estão literalmente dependentes de uma conexão e ficam totalmente perdidas ou com crises de abstinência digital.

Outro tema de grande relevância é o altíssimo índice de *consumo de material pornográfico* disponibilizado em sites especializados e praticamente disponível em todas as páginas de interface. A sensualidade é explorada em larga escala, escravizando crianças, adolescentes, jovens, adultos, incluindo até mesmo os idosos.

Acessar pornografia não está mais restrito àquela situação “icônica” do homem que compra uma “revista” na banca e a guarda reservadamente em lugares secretos da sua casa ou trabalho, para o momento oportuno. A indústria da pornografia digital não sofre com a crise econômica, pelo contrário, cresce cada dia mais. Manter o hábito do consumo em pornografia é uma das práticas mais incentivadas pela cultura pós-digital. Impacta diretamente o comportamento e estilo de vida daqueles que se deixam envolver por esta forma de uso da tecnologia.

Até meados da década de 1990 aproximadamente a principal forma de acessar esse material era através de impressos ou cinemas especializados. Com o advento da internet, navegar entre imagens e vídeos abarrotados de sexo explícito ou implícito ficou extremamente fácil e acessível, até mesmo às crianças. Pais descuidados ou negligentes podem estar contribuindo para educar filhos e filhas com mentes doentias, acentuadamente afetadas pelas marcas que a pornografia deixa ao longo da vida. Marcas de uma prática sórdida, sorrateira e destruidora.

Há aqueles que defendem a liberdade de expressão e da forma quanto ao uso do seu corpo, de modo que tudo é possível, se isto confere prazer. Este pensamento hedonista encontra ampla defesa na perspectiva de um estilo de vida pós-moderno. Contudo seguindo a ética cristã, convém destacar o ensino do apóstolo Paulo. Ao escrever às igrejas da região da Galácia, recomendou: “Irmãos, fostes chamados para a liberdade. Mas não useis da liberdade como pretexto para a carne; antes, sede servos uns dos outros pelo amor. Pois toda a lei se resume numa só ordenança, a saber: Amarás ao próximo como a ti mesmo” (Gl 5.13,14).

Segundo Geisler, existem diversas razões para se reprimir e condenar com veemência à pornografia. Ele desenvolve dois agrupamentos de argumentações: Argumentos sociais e argumentos bíblicos contrários a esta prática pecaminosa. Dentre os argumentos sociais

²¹ LONGO, 2014, p. 146.

pondera que a pornografia estimula agressão e violência; cria um tipo de comportamento irracional; afeta o aspecto neuropsíquico; causa dependência semelhante aos das drogas. Aponta ainda que a pornografia caminha ao lado de outros crimes, como assédio, pedofilia, estupro, homicídio e suicídio. Provoca disfunções familiares, inibe namoros, relacionamentos conjugais dentre outros malefícios. Acerca do argumento bíblico contra a prática da pornografia, expõe diversas e diversificadas referências bíblicas. De um modo geral cita que a pornografia retrata o sexo de modo pecaminoso, não honra o casamento, promove práticas pecaminosas na vida do crente, cultiva a lascívia e o adultério no coração, corrompe e obscurece a mente.²²

A Bíblia está repleta de textos reprimendo e condenando a promiscuidade. A pornografia assim, como qualquer outro pecado não deve ser cultivado pelos cristãos comprometidos com Cristo. Na carta de Tiago, Deus o inspira para alertar seu povo sobre a importância de resistir às tentações. “Mas cada um é tentado quando atraído e seduzido por seu próprio desejo. Então o desejo, tendo concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, após se consumir, gera a morte” (Tg 1.14,15). Acessar material pornográfico, por si só já gera impureza, de modo que é preciso uma vigilância constante dos pais para que, nesta cultura pós-digital, mergulhada no hedonismo, os filhos mantenham-se fiéis.

3. IGREJA, ÉTICA CRISTÃ E CULTURA PÓS-DIGITAL

Qual é o papel ético da igreja frente a este cenário pós-digital? A igreja tem a missão de criar mecanismos que habilitem os cristãos a viver valores pautados na Bíblia, como Palavra de Deus. Como apresenta Geisler: a ética cristã baseia-se na vontade e na revelação de Deus, é absoluta, prescritiva e deontológica.²³

Tendo isso em mente e à luz do que foi explanado acerca da conjuntura dinâmica e permanentemente flexível que se encontra na cultura pós-digital, convém tecnicamente refletir: O problema é a tecnologia digital que abre portas para condutas imorais ou o potencial de imoralidade presente na vida humana que se utiliza da mesma para concretizar seus mais sórdidos desejos?

A natureza humana está propensa ao pecado. No Salmo 51, Davi afirmou: “Eu nasci em iniquidade, e em pecado minha mãe me concebeu” (Sl 51.5). Isto se constitui no mínimo como algo reflexivo mesmo para aqueles que rejeitam a Bíblia como única regra de fé e prática. O Evangelho segundo Marcos (7.18-23) registra as palavras de Jesus Cristo:

¹⁸ Jesus lhes respondeu: Então vós também não entendeis? Não compreendeis que tudo o que entra de fora no homem não pode torná-lo impuro? ¹⁹ Porque não entra no seu coração, mas no estômago, e depois é expelido. Assim, Jesus declarou puros todos os alimentos. ²⁰ E prosseguiu: O que sai do homem é que o torna impuro. ²¹ Pois é de dentro do coração dos homens que procedem maus pensamentos, imoralidade sexual, furtos, homicídios, adultérios, ²² cobiça, maldade, engano, libertinagem, inveja,

²² GEISLER, 2010, p. 450-458.

²³ GEISLER, 2010, p. 15-17.

blasfêmia, arrogância e insensatez.²³ Todas essas coisas más procedem de dentro do homem e o tornam impuro (Mc 7.18-23).

É redundante dizer que a ética cristã se baseia em Cristo, mas de fato isto precisa ser evidenciado, ainda que óbvio. Neste ensinamento, Jesus, apresenta questões cruciais para se estabelecer um estilo de vida saudável e, a partir delas, afirmações normativas passam a compor elementos para a ética cristã.

Em primeiro lugar a ética cristã se sobrepõe e anula especulações movidas por religiosidade circunstancial. Confrontando e contrapondo um grupo de fariseus e escribas preocupados com as tradições religiosas (Mc 7. 18 e 19) Jesus deixa claro, referindo-se aos alimentos, que a contaminação não vem de fora. Ainda que a citação se refere à questão alimentar é perceptível, nesta palavra, que o problema não está necessariamente no que se recebe, mas em como se administra aquilo que foi recebido.

O apóstolo Paulo falando acerca das profecias disse: “mas, examinando tudo, conservai o que é bom” (1Ts 5.21). Utilizando esta orientação, o princípio que pode ser eticamente aplicado, consiste em verificar, avaliar e utilizar a tecnologia digital de modo adequado. Negligenciar estas questões, motivadas por um radicalismo religioso, só afastarão mais as pessoas da igreja e de uma concepção verdadeira de Deus.

Em segundo lugar, a ética cristã estabelece que o interior determina sobre o exterior e não o contrário. Os versos de 20 a 23 expõe uma realidade um tanto quanto indigesta, mas verdadeira. O mal está na essência do ser humano. O potencial para desejá-lo e praticá-lo, bem como promover a imoralidade não está fora da mente, mas dentro dela. A moral é a prática da ética, de modo que o exercício a ser feito é disciplinar os pensamentos, avaliando-os e estabelecendo-os sob a perspectiva da ética de Cristo. Uma boa prática se dá na aplicação de Filipenses 4.8: “Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai”.

Nem sempre os parâmetros estão explícitos, como os mencionados por Jesus. Dietrich Bonhoefer, acerca da vontade de Deus, pressuposto este aqui assumido como valor absoluto, afirmou que esta vontade divina muitas vezes está implícita e precisa ser buscada por aqueles que assim professam sua fé. Ele afirmou:

A vontade de Deus pode estar profundamente oculta sob muitas possibilidades que se oferecem. Sempre de novo deverá ser examinado qual é a vontade de Deus, porque ela também não é um sistema de regras prefixadas, mas cada vez nova e diferente nas diferentes situações da vida... Decisiva é aqui a clara pressuposição de que esse discernir só existe a partir de uma “metamorfose”, de uma completa mudança interna da forma anterior, a partir de uma “renovação” da mente (Rm.12.2), a partir de uma postura como filhos da luz (Ef.5.9).²⁴

Bonhoefer em seu discurso sobre o amor de Deus e a decadência do mundo cita o apóstolo Paulo, responsável pela construção de grande parte do escopo da ética cristã,

²⁴ BONHOEFER, 2015, p. 28.

obviamente que inspirado pelo Espírito Santo. Na carta aos Romanos, ele escreveu uma lúcida e inspiradora mensagem observando que os fiéis não devem se moldar ao esquema deste mundo, mas serem transformados por uma mente renovada a fim de experimentar a perfeita e agradável vontade de Deus.

A possibilidade de vincular ao estilo de vida cristã, certas concessões, pode parecer o melhor caminho? O caminho da “política da boa vizinhança” pode ser observado na forma como Jesus construiu seu ministério? Jesus fez concessões, abrindo mão dos valores eternos?

Jesus Cristo definitivamente não fez concessões ou modificações em sua mensagem, ao contrário, confrontou e expôs a necessidade da transformação ao pregar: “Arrependei-vos e crede no evangelho” (Mc 1.15).

O papel da igreja consiste em cumprir com sua missão no tempo e fora de tempo. Posicionar-se inclusive sobre dilemas éticos e para isso utilizar-se de todos os recursos disponíveis, inclusive lançar mão da cultura pós-digital, fazendo convergir e prevalecer valores necessários a uma ética cristã.

Quando Jesus comissionou a igreja, representada por seus discípulos, foi muito claro ao dizer: “Portanto, ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; ensinando-lhes a obedecer a todas as coisas que vos ordenei; e eu estou convosco todos os dias, até o final dos tempos” (Mt 28.19,20). O fazer discípulos implica em construir relacionamentos discipuladores que reproduzam o padrão do próprio Cristo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo procurou apresentar de modo objetivo um panorama da realidade cultural predominante, aqui denominada pós-digital, bem como acerca das implicações relacionadas a ética cristã e o papel da Igreja neste contexto.

As significativas contribuições que os recursos tecnológicos trouxeram são inquestionáveis, inclusive para que a igreja cumpra a chamada “Grande Comissão”. Bilhões de pessoas usufruem dos benefícios oferecidos na cultura pós-digital. Isolar-se ou tentar fugir das inovações digitais é quase impensável e praticamente impossível. Se assim fosse Jesus, na oração em favor de seus discípulos, não teria dito: “Não rogo que os tire do mundo, mas que os guardes do maligno” (Jo 17.15).

Neste mundo fortemente influenciado pela cultura pós-digital, a ética cristã não deve aceitar o esquema ético deste mundo, ainda que tal dicotomia nem devesse existir. A questão à ser compreendida e vivenciada por aqueles que se denominam cristãos, não deve ser a postura de projetar um universo paralelo ou viver em uma espécie de redoma dissociada do mundo, de modo que buscar alternativas para se criar tal “bolha” é impraticável, bem como agir com radicalismo religioso é contraproducente.

Conforme destacado, convém testificar que o papel da Igreja é influenciar a ponto de provocar transformações. Independentemente das circunstâncias culturais, o foco não deve consistir em estabelecer uma ética de comportamento dos cristãos, mas trabalhar para que através do testemunho cristão genuíno, seja evidenciada a ética do próprio Cristo.

A premissa bíblica e básica para a ética cristã consiste em compreender que “Todas as coisas me são permitidas, mas nem todas são proveitosas. Todas as coisas me são permitidas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas” (1 Co 6.12). O problema não são os recursos tecnológicos, mas o modo como os mesmos são utilizados. Um raciocínio simples e absoluto, mas, profundamente libertador e cheio de vida.

A igreja não pode se furtar ao diálogo, debate e proclamação da verdade cristã. Mas sim, buscando sob a direção do Espírito Santo, avançar por meio de múltiplas formas, sejam compostas por tecnologias mecânicas, analógicas ou digitais. Empenhar-se intencionalmente para tornar real as considerações feitas pelo apóstolo Paulo: “Mas que importa? De qualquer forma, contanto que Cristo seja anunciado, quer por pretexto, quer não, alegro-me com isso e, sim, sempre me alegrarei” (Fp 1.18).

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA: Bíblia Almeida Século 21. São Paulo: Vida Nova, 2013.

BARROS, Vinicius. **Culto cristão:** origens, desenvolvimento e desafios contemporâneos. São Paulo: Reflexão, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. Entrevista disponível em: <http://www.institutocpfl.org.br/cultura/?s=null&cat=7&palestrante=1153> Acesso em 14 ago. 2016

BONHOEFER, Dietrich. **Ética.** 11.ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2015.

CORTELLA, Mario Sergio. **Qual é a tua obra?** Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética. 24.ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio:** o dicionário da língua portuguesa. 8.ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GEISLER, Norman L. **Ética cristã:** opções e questões contemporâneas. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2010.

GRENZ, Stanley J. **Pós-modernismo:** um guia para entender a filosofia do nosso tempo. São Paulo: Vida Nova, 2008.

GLOBO.COM Disponível em : <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/04/facebook-atinge-marca-de1-bilhao-de-usuarios-todos-os-dias.html> Acesso em 14 ago. 2016

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LONGO, Walter. **Marketing e comunicação na era pós-digital:** as regras mudaram. São Paulo: HSM do Brasil, 2014.